



P056/S1-P56 CONSUMO ALIMENTAR DE UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Sra. Elaine Valdna Oliveira dos Santos¹, Sr. Lucas De Almeida Moura¹, Dr. Alisson Diego Machado¹, M.Sc. Thaís Rodrigues Nogueira¹, Luana Rocha de Araújo¹, Dra. Fernanda Andrade Martins², Dr. Alanderson Alves Ramalho², Dra. Dirce Maria Lobo Marchioni¹

¹Universidade De São Paulo, São Paulo, Brazil, ²Universidade Federal do Acre, Rio Branco, Brazil.

Introdução: A pandemia de COVID-19 gerou impactos na sociedade e revelou modificações no consumo de alimentos saudáveis nas populações mais vulneráveis e expostas à crise sanitária, como os universitários. **Objetivo:** Avaliar o consumo alimentar de universitários brasileiros durante o período de maior isolamento social em função da pandemia de COVID-19. **Métodos:** Foi realizado um estudo transversal com 5520 estudantes, graduandos (4872) e pós-graduandos (648), oriundos de instituições de ensino superior de cinco estados (Acre, Mato Grosso, Paraná, Rio Grande do Norte e São Paulo). A coleta de dados foi realizada entre agosto/2020 e fevereiro/2021 por meio de um questionário on-line. O consumo alimentar foi avaliado por grupo de alimentos (feijão, legumes e verduras, frutas, lácteos, carnes, frango e ovos) marcadores de alimentação saudável, utilizados pelo Sistema de Vigilância de Fatores de Risco ou Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (VIGITEL). As categorias de resposta foram: “nunca”, “quase nunca”, “1-2 dias”, “3-4 dias”, “5-6 dias” e “todos os dias”. Os testes t de Student, ANOVA e post hoc de Tukey foram utilizados para verificar a diferença de médias de frequência entre grupos, adotando-se a significância de $p < 0.05$. Os dados foram analisados no software R, versão 4.2.1. **Resultados:** Os grupos verduras e legumes, lácteos, feijão e frutas apresentaram as maiores médias de consumo, com frequências superiores a 3 vezes/semana. Os grupos carne, frango e ovos tiveram médias inferiores a 3 vezes/semana. Em relação às variáveis sociodemográficas, observou-se maior consumo de feijão entre homens e pessoas mais jovens. O baixo consumo de frutas, verduras e legumes, carne e lácteos foi relacionado com uma menor renda. O estado do Acre apresentou menor consumo de verduras e legumes, frutas e lácteos quando comparado aos demais. **Conclusão:** Identificou-se relação entre as variáveis sociodemográficas e os marcadores de alimentação saudável, a saber, o sexo e a idade com a frequência do consumo de feijão; renda com a ingestão de verduras e legumes, frutas, carnes e lácteos; e estado de moradia com verduras e legumes, frutas e lácteos.

Palavras chave: alimentação, estudantes universitários brasileiros, COVID-19.

P057/S1-P57 INSEGURANÇA ALIMENTAR GESTACIONAL DURANTE A PANDEMIA DE COVID 19 EM UM MUNICÍPIO DA AMAZÔNIA ACIDENTAL, ACRE - BRASIL

Prof. Maria Tamires Lucas dos Santos¹, Prof. Kleynianne Medeiros de Mendonça Costa², **dr. Alanderson Alves Ramalho³**, Dr. Andréia Moreira de Andrade³

¹Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Acre, Rio Branco, Acre, Brazil, ²Docente do Curso de Bacharelado em Enfermagem do Centro Multidisciplinar da Universidade Federal do Acre, Cruzeiro do Sul, Acre, Brazil, ³Docente do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Acre, Rio Branco, Acre, Brazil.

Introdução: A insegurança alimentar é um indicador pouco abordado como parte dos cuidados da atenção materno-infantil, embora esta população esteja entre os grupos mais vulneráveis. **Objetivo:** Analisar os fatores associados a insegurança alimentar gestacional, em tempos de pandemia de COVID 19. **Métodos:** Estudo observacional, analítico, realizado em Cruzeiro do Sul, Acre, entre setembro de 2021 à janeiro de 2022. Características sociodemográficas, clínicas e obstétricas maternas e dos recém-nascidos, foram coletadas por entrevista às puérperas em alojamento conjunto e conferência dos prontuários, cartão do pré-natal e declaração de nascidos vivos. A insegurança alimentar foi mensurada pela Escala Brasileira de Insegurança Alimentar. Os fatores associados foram obtidos por meio de regressão de Poisson com variância robusta e os resultados expressos em razões de prevalência (RP) com intervalos de confiança de 95% (IC95%). **Resultados:** Participaram do estudo 423 mulheres. A prevalência de insegurança alimentar gestacional foi de 57,0% sendo 29,1% leve; 12,1% moderada e 15,8 % grave. Os fatores associados foram: idade menor que 20 anos (RP=1,52; IC 95% = 1,29 -1,79), ser beneficiária de auxílio governamental (RP=1,31; IC 95%=1,10-1,55), perda de emprego na família durante a pandemia (RP=1,40; IC 95%=1,20-1,64), número de residentes superior a 4 (RP=1,17; IC 95%=1,00-1,37) e, pré-natal realizado em instituição pública (RP=1,53; IC 95%=1,04-2,26). **Conclusões:** Observou-se alta prevalência de insegurança alimentar associada ao fato de ser jovem, receber auxílio governamental, algum membro da família perder o emprego, residir com mais de quatro membros no domicílio e realizar pré-natal em instituição pública.

Palavras-chave: segurança alimentar e nutricional., gravidez, saúde pública, nutrição materna, prevalência.

